



## GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

### Formas de punir e formas de sofrer: Um olhar para as dimens?es do sofrimento em espa?os de privac?o de liberdade

**Autoria:** Roberta Olivato Canheo, Luana Almeida Martins

Partindo de dois works etnogr?ficos realizados em fun?o de nossas pesquisas de mestrado, buscamos refletir, neste artigo, sobre as configura?es de sofrimento dentro de espa?os de privac?o de liberdade, a partir de duas perspectivas distintas: uma, a partir da reflex?o das rela?es estabelecidas entre agentes e adolescentes, e de adolescentes entre si, em uma unidade de internac?o provis?ria do Departamento Geral de A?o Socioeducativa do Estado do Rio de Janeiro (DEGASE), o CENSE Dom Bosco, mais conhecido at? hoje como ?Padre Severino?; e outra que se constitui como resultado de uma investiga?o dos processos de Estado que levaram ? constituic?o de pessoas LGBT privadas de liberdade, no Pres?dio Evaristo de Moraes, e de t?cnicas de governamentalidade - constru?das por feixes m?ltiplos de ag?ncias, agentes, e documentos - presentes nesses processos. Ao propor essa reflex?o buscamos pensar de forma comparativa de que maneira o sofrimento ? compreendido enquanto uma forma de puni?o, estabelecendo conex?o entre nossas pesquisas e as formas de gest?o percebidas em locais de privac?o de liberdade. Nesse sentido, colocamos em pauta as rela?es entre estar preso e o sofrimento e entre o punir e o fazer sofrer. Essas categorias se apresentam como pontos de an?lise no qual nos amparamos para pensar cenas do nosso campo e descrever de que maneira encontramos rela?o entre punir e sofrer. Por um lado, as percep?es advindas de visitas ao Pres?dio Evaristo de Moraes permitem a visualiza?o dos corpos enquanto lugar ?ltimo de materializa?o de tens?es constitutivas de processos de estado, de processos de g?nero, de um Estado generificado. Estado que se coloca como progressista, que se pauta por uma agenda de direitos humanos, e de direitos das minorias, ao passo que, simultaneamente, produz continuamente dentro de suas malhas uma gest?o prec?ria que ratifica o lugar destinado ?quelas mesmas pessoas, um lugar de abje?o. Por outro lado, ao olhar para as rela?es entre agentes e adolescentes, a partir da percep?o da viol?ncia narrada pelos adolescentes, e as pr?ticas punitivas observadas na unidade, percebemos uma rela?o entre a dimens?o simb?lica da viol?ncia



e o sofrimento. Nesse sentido, ao observar as práticas punitivas dos agentes e de que maneira elas são compreendidas pelos adolescentes privados de liberdade, percebemos que as punições, só se configuram como sofrimento, se alteram as organizações e sistemas classificatórios compartilhados pelos adolescentes. Assim, buscamos, a partir de cenas descritivas de nossos works de campo, descrever formas de punir e de sofrer em espaço de privações de liberdade.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

